Cresce o déficit de enfermeiras

RUBENS ZAIDAN

Em 1971, a Secretaria da Saúde promoveu concurso para preenchimento de 140 vagas de auxiliares de enfermagem no Hospital Emílio Ribas. Na época, apresentaram-se apenas 40 candidatos. Em vista, desse desinteresse, sempre crescente, prevê-se para 1980, em todo o Brasil, um déficit de 30 mil enfermeiras diplomadas — o índice atual já chega a 20 mil — que até hoje não são protegidas por um salário mínimo. Nem existe programa paralelo de qualificação de atendentes, que representam 63 por cento dos profissionais do setor.

Esses problemas, que constituem a preocupação constante de profissionais e autoridades, curiosamente não serão levantados na realização da Semana da Enfermagem, que começou a ser come-

morada ontem na Capital. Apesar disso, a presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, seção de São Paulo, Circe Mello Ribeiro, garante que a ABEn quer “antes, durante e depois da Semana, mostrar a necessidade de melhor qualificação do pessoal de saúde, especificamente o de enfermagem”. As 39 escolas dessa especialidade existentes no País e que formam pouco mais de 500 profissionais por ano são insuficientes para evitar que 70 por cento dos serviços de enfermagem sejam executados por leigos. A utilização de técnicos de nível médio, apontada como saída para o déficit, só será viável quando essa designação existir como categoria profissional e quando deixar de proliferar cursos de atendentes anunciados como de Enfermagem, que não dão direito algum a seus participantes. Em toda a

América Latina e área do Caribe a situação é quase a mesma: faltam profissionais, que são mal distribuídos e sem qualificação e, na maioria dos países, não existe política definida; a estrutura orgânica dos serviços de enfermagem e formação de pessoal é inadequada e a administração é deficiente. Faltam equipamentos de serviços e treinamento; o que gera desequilíbrio entre os fatores de necessidade, demanda, produção e absorção. Na 3.ª Reunião Especial de Ministros de Saúde das Américas, ao serem debatidos problemas do setor, chamou-se atenção para o fato de que a maioria dos serviços está em mãos de leigos e que há necessidade de manter um serviço de enfermagem livre de riscos para o paciente em 60 por cento dos hospitais de 100 ou mais camas e em 60 por cento dos serviços da comunidade.